

PENSANDO A CIDADE:

Suas contradições e a construção das sociabilidades sob o dilema da insegurança.

DAMIÃO, ABRAÃO PUSTRELOⁱ
FÉLIX, SUELI ANDRUCCIOLIⁱⁱ

Resumo: Como o mundo a nossa volta é percebido em nossa experiência cotidiana? Seria possível compreender a progressiva auto-segregação dos indivíduos e os receios e temores que acompanham esse movimento por meio da "crescente dos medos" contemporâneos, sob a visão dos moradores das cidades? Até que ponto evitamos enfrentar as várias espécies de medo que pairam sobre nós, nas mais diversas fases de nossa vida na cidade? Esses questionamentos têm sido objetos de estudo de uma gama de intelectuais, da psicologia às ciências sociais, da história à geografia e orientou nossa pesquisa sobre alguns aspectos da ocupação dos espaços urbanos de Marília/SP, sobretudo, dos processos conflituosos e das conseqüentes ações defensivas (segregadoras) a eles creditados. Nosso intuito foi apreender como as condições socioeconômicas e espaciais, e a lógica auto-defensiva dos indivíduos estão interligadas, a partir do processo de urbanização e da dinâmica da cidade, que se reflete em suas transformações e contradições. **Palavra-Chave:** Insegurança, Medo, Sociabilidade, Espaço Urbano.

Abstract: As the world around us is perceived in our everyday experience? It would be possible to understand the progressive self-segregation of individuals and the fears and worries that accompany this movement, through the contemporary "growing fears" under the vision of urban dwellers? How far we avoid dealing with the various species of fear hanging over us in all stages of our life in the city? These questions have been objects of study for a range of intellectuals, from psychology to social sciences, from history to geography and it guided our research on some aspects of the occupation on the urban spaces of Marília-SP, especially the processes of conflict and the resulting defensive actions (segregated) credited to them. Our aim was to understand how socioeconomic conditions and spatial and logical self-defense of individuals are interconnected, from the urbanization process and the dynamics of the city, which is reflected in its transformations and contradictions.

KeyWord: Insecurity, Fear, Sociability, Urban Space.

PENSANDO A CIDADE: SUAS
CONTRADIÇÕES E A CONSTRUÇÃO

DAS SOCIABILIDADES SOB O DILEMA DA INSEGURANÇA.

"O ar da cidade torna o homem livre"

Com esse ditado alemão medieval, o geógrafo chinês radicado nos EUA Yi-Fu Tuan (2005) traduz os anseios de liberdade civil e política dos indivíduos no final da Idade Média, ao ingressarem no processo migratório, saindo da relação de servidão do campo em direção às cidades, pressupondo que no meio urbano encontrariam mais segurança para as suas posses e suas vidas. Os moradores das cidades atrás de seus muros privados, do desenvolvimento das formas jurídicas, do poder público, e da crescente riqueza material, acreditavam que não existiria lugar melhor para viver. A cidade surgia como um símbolo vivo da ordem cósmica e do anseio humano por uma sociedade harmônica e estável, construída para corrigir a aparente confusão da natureza. Deveria ser o lugar de resolução de conflitos onde todos, trabalhando individualmente, mas de forma integrada pela dinâmica do progresso, construiriam um lugar confiável e seguro para viver.

Em tempos mais recentes, entretanto, a cidade passou a evocar e a exibir uma multiplicidade de imagens contraditórias e de estreita convivência: da favela ao condomínio de luxo, dos arrabaldes ao subúrbio, dos shopping centers aos lixões, das multidões aos milionários, do crime à poluição. Essa composição de imagens e experiências, positivas ou negativas dependendo da percepção e apreensão delas dentro de um contexto e um espaço específico, afetam o cotidiano de nossas interações com a cidade. Essa paisagem contraditória subverte e distorce a função das cidades, reforça o mau uso do dinheiro público, segrega cada vez mais os indivíduos pobres – alterando consideravelmente as existências e percepções do meio urbano. No imaginário popular, a cidade é um lugar indisciplinado, inquietante e desordeiro e o *outro*, o diferente, o *visitante* na concepção de Tuan

(1980 e 2005), é percebido como perigoso, e a sua presença é uma ameaça às liberdades individuais, o que instiga a exclusão e a segregação – fato a se temer.

A cidade, em sua lógica espacial de organização é o lugar no qual o convívio com o *"outro"* é inevitável. Essa peculiaridade do espaço urbano é um de seus maiores encantos, pois pressupõe uma existência diversificada que instiga o compartilhamento de experiências. Entretanto, a cidade, percebida como celebração da diferença, como uma próspera área de experiências e aprendizagens e como um meio no qual a totalidade da vida moderna se compõe e adquire significados, está ameaçada. Ela se torna cada vez mais um espaço de percepções e manifestações crescentes de medos e inseguranças.

Nas cidades, o *outro* (o estrangeiro, o diferente) é frequentemente segregado por aspectos imaginários e concretos de conformações urbanas que caracterizam as suas contradições internas. A segregação imaginária é facilmente percebida no "apartheid natural" de shoppings centers, por exemplo, e de outros espaços públicos que não necessitam de obstáculos físicos para impedir a entrada de pessoas oriundas de camadas sociais mais populares. Em outro aspecto, a segregação está materializada nos carros blindados e nos aparatos físicos e mecânicos das construções residenciais e/ou comerciais com seus muros altos, grades, cercas elétricas e sistemas de monitorização por câmeras de vídeos e alarmes altamente sofisticados, sendo um de seus expoentes a privatização do espaço urbano por meio dos condomínios fortificados com vigilância particular e diversos dispositivos e mecanismos que afastam os "diferentes" e compõem, na concepção de Nan Ellin (1997), a "Arquitetura do Medo". Tudo isso reforça o crescente sentimento de horror ao *outro* e a auto-segregação em relação ao mundo e à experiência a nossa volta. Por vezes representando um sintoma da modernidade, por outros, como nos aponta Jacques Le Goff (1997), um retrocesso aos tempos medievais com as

suas fortalezas, a cidade se reinventa na lógica do medo e da insegurança.

Com esta concepção de estranhamento com o outro e utilizando teorias existencialistas, Tuan (1982) atribuiu à aglomeração humana e à grande densidade populacional, o agravamento das tensões, doenças e comportamentos anti-sociais. Embora tais sintomas sejam encontrados também no meio rural, é no espaço urbano que os sujeitos têm mais tendência a se “estranhar” e a se “descontentar” uns com outros e com os lugares que não possuem ou que perderam familiaridade. Nesta perspectiva encontram-se o medo e a insegurança.

Na análise da relação do homem com o espaço, Tuan (1980) notou que as percepções variam conforme o status social: os ricos detêm um conhecimento abstrato da cidade, possuem um mapa mental, mas estão tão isolados quanto os pobres. Os lugares são tão diferenciados, fragmentados e hierarquizados socialmente que ambos (ricos e pobres) se familiarizam mais com os aspectos da vida urbana que lhes são mais próprios (lugar de moradia, de trabalho, de lazer etc.). Entretanto, quando a análise se volta para a rede de relações pessoais, a do rico é tecida mais pela atuação profissional (que compõem os grupos de lazer - happy hour, futebol...) e a do pobre por relações de vizinhança. Comparando os dois segmentos, o pobre ainda tem um pouco mais de familiaridade com o espaço do rico no cotidiano da prestação de serviços (domésticos, da construção civil, de entrega de mercadorias etc.), do que o contrário: o rico vê o mundo do pobre pela transparência do vidro de seus automóveis, pelas telas da televisão ou fotos no jornal.

Como argumentam os sociólogos Anthony Giddens (1999) e Zygmunt Bauman (2005), o dilema crucial dos cidadãos na atualidade está no desejo de ruptura entre os segmentos sociais opostos, condenados a compartilhar o mesmo espaço físico: as elites que podem e se conectam ao mundo globalizado, e o indivíduo comum, *paralisado em seu próprio lugar* (Bauman, 2005).

Assim, as elites econômicas¹ não se identificam mais com o espaço a sua volta, e a vida em comunidade parece lhes privar da liberdade de estar em qualquer lugar, ver e escolher diferentes formas e estilos de vida por meio das telas do computador, da Tv, do celular e até mesmo da janela do seu automóvel ou, ainda, por quaisquer outros meios em viagens que, por poder pagar, realizam ao redor do mundo. Por outro lado, “os que foram deixados para trás” (Bauman, 2005, p.28), na ausência de condições financeiras satisfatórias não podem usufruir das mesmas benesses do rico, nem ao menos de um espaço de qualidade para moradia e convívio, e não desfrutam, portanto, de espaços públicos dignos para a construção de suas sociabilidades, de boa infra-estrutura (de transportes, rede de esgoto, assistência de saúde etc) e demais políticas públicas de incentivo ao desenvolvimento educacional, econômico ou social.

Atualmente, a violência e as contradições urbanas não são mais uma preocupação exclusivamente das grandes cidades. Em Marília, cidade média do centro-oeste do estado de São Paulo, uma pesquisa de qualidade de vida² encontrou as maiores carências de equipamentos e serviços urbanos, justamente nos espaços ocupados por grupos de baixas condições econômicas. Como relataram Jacobi (1990) e Zaluar (1991), os espaços ocupados por famílias com melhores rendimentos são sempre os mais bem atendidos. Portanto, a distribuição dos serviços serve dessa forma para reafirmar as desigualdades econômicas de diferenciação social no espaço urbano.

Entretanto, a simples presença de equipamentos urbanos (infra-estrutura e serviços) não é garantia de satisfação das

¹ Por elites econômicas, entendem-se não apenas as grandes corporações e investidores, mas também os integrantes de classes sociais que usufruem plenamente dos benefícios do capitalismo (internet, bens de consumos importados, viagens etc.) e estabelecem contatos externos à sua comunidade, local onde deveriam construir sua identidade.

² Ver relatório completo em (<http://www.levs.marilia.unesp.br/cnpq/index.htm>)

necessidades, ou mesmo, de boa qualidade de vida, um conceito muito amplo e que abrange uma gama de fatores socioeconômicos e ambientais. Além disso, o conceito de qualidade de vida traz em si um forte aspecto subjetivo, pois os valores vigentes em uma sociedade são os definidores das necessidades (individuais ou coletivas) e, conseqüentemente, da qualidade de vida (Velázquez, 2001).

Um exemplo dessa subjetividade é a resposta dos moradores de uma favela de Marília³, com mais de 60% das residências convivendo com o esgoto a céu aberto e a coleta de lixo abranger apenas 30% das moradias: ao serem perguntados sobre os problemas que os levam a não gostar da comunidade, 25% responderam que a causa era a “violência” e 15% a “falta de saneamento e de asfalto” nas ruas, o que facilitaria o atendimento dos serviços de saúde e segurança (circulação das ambulâncias e viaturas). As condições mais subjetivas de qualidade de vida foram as mais consideradas: embora apenas 32% dos moradores admitissem não gostar do local, 66% manifestaram desejo de mudança, mesmo que para as imediações. “Atravessar o asfalto” é um desejo dos moradores, com ênfase para o estigma do “rótulo de favelado” que lhes impõem restrições sociais diversas: dificuldades em apresentar o endereço aos amigos, familiares ou no local de trabalho, além do grande problema que enfrentam no comércio (muitas empresas se recusam a entregar mercadorias). Para alguns estudiosos que pesquisam as favelas

(Wacquant, 2001 e Perlman, 1977), os constrangimentos por morar no local levam os moradores a se valer de inúmeras justificativas e desculpas que corroboram a alienação territorial. Em contrapartida, há um sentimento de territorialidade muito forte em seus moradores, como o que percebemos na análise da favela em Marília: Mudar-se para longe é o que desejam apenas 24% de todos os moradores da favela Argolo Ferrão. Sair de Marília é a hipótese menos considerada, ainda, entre todas as pretensões de mudança, perfazendo 6,3%.

Essa relação afetiva, o sentimento de territorialidade que Tuan (1980) denominou “topofilia” – elo afetivo entre o sujeito e o espaço, e entre o sujeito e os demais sujeitos do espaço em questão – é um caminho para compreender a favela de forma mais ampla e profunda, diferente do que, via de regra, desejam o Estado e/ou o mercado imobiliário, ao promoverem a remoção de favelados, desconsiderando a rede de relações tecidas pelos seus moradores ao “contornar a condição de grave pauperização que, muitas vezes, se traduz na reivindicação de políticas públicas que atenuem as dificuldades de moradia e saneamento básico, mobilidade e acesso aos bens urbanos – escola, saúde e emprego” (Carvalho, 2007).

O comportamento segregacionista das novas elites, representado por um inevitável distanciamento dos compromissos que num passado não muito distante mantinham com seu *populus* local, e a distância entre os espaços das elites separatistas e *dos que foram deixados para trás*, parecem traçar as mais significativas tendências sociais, culturais e políticas associadas às transformações recentes nas cidades. Essa tendência consiste na estreita interação entre as pressões econômicas – a concorrência do mercado de trabalho, a indústria imobiliária, as empresas de segurança privada, o uso político e midiático da pobreza – e o modo como as identidades locais são negociadas, modeladas e remodeladas (Bauman 2009), o que implica na desvirtuação da função essencial das

³ A população pesquisada ocupa uma área de habitações subnormais, conhecida como Favela do Argolo Ferrão, localizada na Região Oeste de Marília/SP, com pouco mais de duas centenas de famílias e cerca de 850 moradores, com quase 80% das residências fixadas há menos de 10 anos (sendo 43,4 % depois de 2001 e 1/5 depois de 2005). Por essas informações é possível perceber a velocidade da ocupação territorial, um forte item de desagregação sócio-espacial de ambientes precários, na interpretação de especialistas urbanos. Ver relatório completo In (<http://www.levs.marilia.unesp.br/cnpq/index.htm>), Cap.6 Favelas, Topofilias e Topofobias.

cidade: a celebração da diferença. Distancia-se cada vez mais da cidade solidária, dilacerando nossas relações locais – de cidadãos, passamos a segregadores e/ou consumidores dos aparatos materiais do medo.

O PROCESSO DE OCUPAÇÃO DO ESPAÇO DE MARÍLIA/SP

Seguindo essa tendência, aqui apontada por Tuan, Giddens e Bauman, observamos em Marília como essa nova distribuição física da população no meio urbano transformou e continua transformando os seus diferentes espaços urbanos, demonstrando como, em sua curta existência de pouco mais de 80 anos, eles se transformaram, assumiram novas e diversificadas funções, se valorizaram ou desvalorizaram uns em detrimento de outros. A cidade tem formas típicas e dinâmicas de ocupação do espaço: os bairros mudam de função em curto espaço de tempo (passam de residencial a comercial e vice-versa), ao mesmo tempo em que surgem outros bairros para cumprir novas funções que se modificam em seguida.

No período de 1971-80 em Marília, ocorreu um intenso processo de expansão territorial com novos bairros periféricos e alta concentração fundiária – cerca de 50% dos lotes eram terrenos vagos e 4% da população concentrava quase 44% das propriedades⁴. Houve um intenso movimento de transferência da população do centro para a periferia, um “processo de exurbanização”⁵ em direção a bairros populares de lotes pequenos e muitas unidades habitacionais, compondo um

4 Conforme Faleiros (1983) observou, para o total de mais de 100 mil pessoas, apenas 17 mil eram proprietários e, o que parece mais grave, apenas 720 (4%) concentravam 43,7% do total de propriedades.

5 Termo utilizado por Guidugli (1979:305) ao analisar as condições de ocupação urbana, por meios de fontes primárias e dos recenseamentos do IBGE.

segundo processo de “invasão-expulsão”: expansão do uso não residencial do solo urbano nas áreas centrais, seguido pelo processo de expulsão dos seus moradores.

Não foram apenas os bairros populares que contribuíram para esse processo, mas também os loteamentos de melhor qualidade, inclusive os condomínios fechados. Como também, não foram apenas os novos loteamentos que atraíram esse “cliente privilegiado”, mas a transformação de bairros antigos (de construções simples, pequenas e de madeira) que foram “invadidos” pela classe mais alta ao adquirir duas ou mais casas pequenas em lotes contíguos para demolir e erguer a sua nova “mansão”⁶. Com a mudança de função, muda o habitante, muda a forma de percepção e organização espacial e muda, também, a sua tipologia criminal.

O centro da cidade exibe os maiores índices criminais, reflexo de oportunidades e circunstâncias de encorajamento de certos tipos de crimes – é o caso de furtos no comércio e crimes associados ao consumo de álcool e drogas devido a concentração de entretenimento, atividades relativas ao sexo, jogos etc. Entretanto, os índices criminais são produzidos pela equação “crime por habitantes”, o que exige uma análise relativizada: no centro há baixa ocupação efetiva (poucos moradores) e alta concentração e circulação de pessoas com potencial de vítimas. De um modo geral, a criminalidade de Marília é dinâmica e acompanha as transformações econômicas, demográficas e espaciais. Sucessivamente, ao longo da ocupação urbana vamos assistindo à criação e ocupação de novos bairros e de novos problemas, corroborando com Felix (1996) de que os processos espaciais não se explicam por si mesmos, mas são produtos de relações sociais, dos processos sócio-políticos, conflitos de classes, comportamentos e formas de percepção social, política e econômica do espaço.

6 Isto ocorreu com o Bairro Maria Isabel, ocupado na década de 50, praticamente “remodelado” com a abertura de um loteamento vizinho de classe média-alta, em 1973 (Prolongamento Maria Isabel).

Analisando a relação espaço/crime em Marília, sob a ótica da Geografia da Percepção (Humanista⁷) de Yi-Fu Tuan, tem-se uma espécie de seletividade temporal. No momento da ocupação, os espaços de população de baixa renda exibem muitos distúrbios sociais com altos índices de criminalidade, reduzidos paulatinamente com a associação dos seguintes fatores: aumento no tempo de ocupação, remodelação das residências (ampliações) e benfeitorias diversas (infra-estrutura e equipamentos urbanos) promovidas por meio da luta dos movimentos populares organizados. A mobilização popular viabiliza medidas de contenção à violência, garantia da segurança civil e ampliação do espaço social e político de participação do cidadão.

O sentimento de territorialidade e a interação social de vizinhança estão positivamente relacionados entre si e contribuem com a sensação de segurança. A qualidade de um ambiente pode ser medida pelas condições físicas, mas, principalmente pelo relacionamento de vizinhança. De um modo geral, a classe média não considera o seu bairro uma extensão do seu lar, mas um pedaço de terra cuja qualidade afetará o valor comercial do seu imóvel. Já as classes mais populares sentem o bairro com os seus equipamentos (escolas, postos de saúde, centros comunitários, espaços de recreação etc.), como uma extensão do seu lar. Até a rua e as calçadas são percebidas como um elemento comum do sentimento de vizinhança.

O espaço não produz o crime e o medo, mas é marcado pela oportunização das atividades delitivas e pela fragmentação social que fragiliza os vínculos entre os sujeitos e o lugar, compromete o sentido de comunidade e de vizinhança, fundamental

para uma sociedade sem temor de vitimização. Da mesma forma, a criminalidade não se limita aos espaços de incivilidade ou a outros específicos como o centro da cidade, bairros pobres e favelas. Ela se dissemina pelos ambientes mais abastados de classe média e alta e, além do medo em si, provoca outro fenômeno altamente temido por esse segmento social: a desvalorização imobiliária.

A transferência das classes mais altas para os subúrbios e condomínios de luxo é vista por Tereza Caldeira (2000) como uma terceira fase do processo de urbanização, sustentada pela “fala do crime”. O processo de ocupação urbana iniciou-se com centros apinhados de todas as classes sociais, evoluiu para a periferação das moradias populares distantes do trabalho e do centro das cidades, com o advento da energia elétrica e dos meios de transporte coletivos e, ao final do regime militar, alcançou os “enclaves fortificados”, condomínios de classe média com ênfase na qualidade de vida e segurança: bairros bem vigiados por seus exércitos particulares de vigilância.

Em Marília, o processo de urbanização não foi diferente. A ocupação do espaço se iniciou por meio de uma complexa rede de indivíduos com origens sociais diversas e obrigados a dividir o mesmo espaço com “o outro” que não conhece, que não escolheu, e que não sabe o que ele representa ou é capaz. Este contexto engendrou uma inquietação e justificou muitas ações defensivas materializadas na arquitetura e na mobilidade urbana que promove sucessivos deslocamentos das classes mais altas ao longo de sua (breve) história⁸.

Dito com outras palavras, quando se vive em um mesmo lugar, com pessoas de diferentes procedências, com diferentes concepções morais, políticas e ideológicas, com diferentes talentos e preferências, a heterogeneidade é uma condição que instiga a inquietação e, muitas vezes, o conflito e a insegurança. Especialmente no meio urbano,

7 Tuan (1982) concebe o “conhecimento geográfico” além das compreensões acadêmicas do espaço geográfico. O espaço não é algo a ser apenas medido e quantificado, mas apreendido e organizado a partir da experiência vivida, dos “mapas mentais” que os homens elaboram em suas vivências.

⁸ Marília foi elevada a município em 04 de abril de 1929.

os indivíduos parecem estar envolvidos por uma sensação permanente de fragilidade e vulnerabilidade, conseqüência, entre outras, da profunda insegurança em relação às transformações sociais que a vida urbana moderna traz em seu bojo como: anonimato, egocentrismo, exclusão e obsolescência.

RELAÇÃO ENTRE MEDO E INSEGURANÇA NA CONSTRUÇÃO DAS SOCIABILIDADES

Os perigos de que se tem medo podem ser de três tipos: os que ameaçam o corpo e a propriedade; os que se relacionam à ordem social e à confiabilidade nela (aposta na segurança do sustento ou de apoio em caso de invalidez ou velhice); e os perigos que ameaçam o lugar das pessoas no mundo, a posição na hierarquia social, a identidade, e de modo mais geral, a imunidade de nossa formação moral e social – a nossa capacidade de lidar (até mesmo escapar) à degradação e a competitividade das exigências do mercado; e a exclusão social de que podemos ser vítimas pela nossa incapacidade de adaptação à lógica econômica ou de falta de assistência do Estado em caso de necessidades (Bauman, 2008).

Assim, sistematicamente pode-se constatar que as medidas aparentemente irrefreáveis de proteção usufruídas pela humanidade encontram-se em *três frentes de batalhas*: contra as forças superiores da natureza, contra a debilidade inata de nossos corpos e contra os perigos que emanam da agressão de outras pessoas. E, no entanto, são nas partes mais desenvolvidas⁹ que a soma dos medos e a obsessão por segurança está em ascensão. Ao contrário dos dados objetivos, as pessoas que usufruem de maior conforto material são as que se sentem mais inseguras, mais inclinadas ao pânico e mais obcecadas por segurança e proteção.

9 Tendo em vista os parâmetros de segurança e desenvolvimento sócio-econômicos de nosso país, Marília está em posição muito confortável nos indicadores de segurança e de qualidade de vida.

Os resultados de algumas pesquisas de vitimização corroboram as percepções de insegurança e adoção de meios físicos e humanos de prevenção diretamente proporcional ao nível sócio-econômico e ao grau de instrução da população. Em Marília¹⁰, nos últimos 10 anos de pesquisa de vitimização, em média 1/3 dos entrevistados admitiram ter sido vítimas e 3/4 fazem uso de algum tipo de prevenção, sendo mais acentuado entre os que recebem acima de 5 salários mínimos. Desse grupo, os que mais utilizam a vigilância privada e alarmes são os que recebem acima de 10 salários. Entretanto, quando questionados sobre o medo e a insegurança, apesar da ostentação dos aparatos físicos de prevenção em suas residências, quanto maior o rendimento familiar menos se admite insegurança. Em média, entre os que declararam rendimento de até 05 salários, 40% consideraram o seu bairro inseguro e 44% têm medo de circular pelo seu bairro à noite. No grupo com rendimento acima de 10 salários mínimos, apenas 25% e 36% admitiram, respectivamente, o bairro inseguro e medo de nele circular à noite.¹¹ Para Tuan (1980) dificilmente a classe média admite insegurança no seu bairro por ao menos dois motivos: quando insegura, tem condições de mudança e, em segundo lugar, tem medo da desvalorização imobiliária. A análise da escolaridade das vítimas ilustra o risco das classes mais elitizadas, a despeito de admitirem ou não. Enquanto cerca de 20% dos menos escolarizados foram vítimas, quase a metade dos entrevistados com curso

10 Desde 2001 as pesquisas de vitimização se desenvolvem na cidade de Marília sob a responsabilidade do Grupo de Pesquisa e de Gestão Urbana de Trabalho Organizado, GUTO/UNESP. Os resultados das 03 pesquisas realizadas até o momento (set./2010) estão em <http://www.levs.marilia.unesp.br>

11 Ver essas e outras informações de vitimização no relatório de pesquisa em http://www.levs.marilia.unesp.br/relatorios/pesquisa_a_PM/Anexo%20III%20%20Tabelas%20da%20Pesquisa%20Desempenho%20com%20a%20PM%20-%20Percep%20E3o%20de%20Seguran%20E7a.pdf

superior sofreu algum tipo de crime, embora o primeiro grupo denuncie muito mais que os escolarizados (66% das vítimas que denunciaram tinham apenas o primeiro grau ou mal sabiam ler e escrever)¹².

Apesar de tudo, os perigos que ameaçam encurtar nossas vidas como doenças e outras formas de morte precoce são cada vez menores em função do desenvolvimento de meios engenhosos e efetivos de prevenção. A promessa moderna de acabar com as ameaças à segurança foi até certo ponto cumprida, o que, entretanto, deixou flagrantemente de se materializar "é a expectativa de liberdade em relação aos medos nascidos da insegurança e por esta alimentados" (Bauman 2008).

Um medo significativo e multifacetado de isolamento na relação com o outro provoca a prisão voluntária das pessoas em suas casas, ansiosas e oprimidas pelos perigos que rondam seus muros. O caso mais característico desse sentimento é o aumento acentuado dos condomínios fechados com seus sistemas avançados de proteção. Marília, apesar de estar entre as cidades mais seguras do Estado, *grosso modo* com indicadores de criminalidade menores que muitas cidade Americanas, está contaminada pela febre do auto-isolamento espacial.

Em outra dimensão, o medo (ou insegurança) provoca um isolamento social no contexto moderno da fragmentação sócio-espacial advindo de processos desorganizadores (crime, desemprego, circulação de drogas, falência das instituições da comunidade etc.); e, um sentimento de medo e insegurança advindo, também, da instabilidade e perda da posição social e do status. Podemos considerar que essa dimensão é reflexo das condições de vida de uma sociedade pautada numa

economia competitiva, excludente e globalizante.

Enquanto as duas primeiras *batalhas* citadas (natureza e enfermidades) podem ser atendidas com muito sucesso pelo desenvolvimento tecnológico que criou um interposto entre as imprevisibilidades da natureza e nosso habitat, a despeito da destruição crescente e sem precedentes dos elementos naturais; a terceira *batalha* (perigos que emanam da má vontade e de agressões inter-humanas) ainda não foi vencida com a segurança prometida. E pode até ter ficado mais distante. Na cidade, o sentimento de insegurança cresce paulatinamente à medida que os sucessivos ataques de horror se seguem às notícias de insuficiência das instituições destinadas a prover as necessidades gerais do indivíduo vivendo em sociedade como os hospitais, presídios, fabricas, supermercados, serviços sociais, previdência etc.

Nesse sentido, os medos resultantes tendem a ser explicados por atos perversos motivados por intenções malévolas. Neste drama deve haver um vilão (um vilão humano), que tanto na opinião de alguns especialistas, quanto na maior parte das crenças populares, tem grande parte da responsabilidade pelas traquinagens da natureza e extravagâncias da saúde corpórea.

Podemos dizer que a variedade moderna de insegurança é marcada pelo medo principalmente da maleficência humana e dos malfeitores humanos. Bauman (2008) atribui à individualização moderna este estado de coisas. Sugere que,

Tendo substituído as comunidades e corporações intimamente entrelaçadas que definiam as regras de proteção, seus direitos e obrigações individuais correlatos, e também monitoravam sua observância, pelo dever individual de preocupação consigo mesmo, a sociedade moderna foi constituída pela areia movediça da contingência. Pressionados diariamente a perseguir seus interesses e satisfações, e só se

12 Ver http://www.levs.marilia.unesp.br/pesquisas/vitimizacao01/6_4a.htm

preocupar com os interesses e satisfações dos outros na medida em que afetem os seus, os indivíduos modernos acreditam que os outros à sua volta são guiados por motivos igualmente egoístas – e, portanto, não podem esperar deles uma compaixão e uma solidariedade mais desinteressadas que eles próprios são aconselhados, treinados e dispostos a oferecer. Numa sociedade assim, a percepção da camaradagem humana como fonte de insegurança existencial e como um território repleto de armadilhas e emboscadas tende a se tornar endêmica. Numa espécie de círculo vicioso, ela exacerba, por sua vez, a fragilidade crônica dos vínculos humanos e aumenta os temores que essa fragilidade tende a gerar. (Bauman op. cit. p. 172, 2008).

O medo, sobretudo, das agressões inter-humanas; do crime e da violência, já se adentraram e estão arrasando o mundo urbano moderno, já adquiriram uma força autopropulsora para se propagar. E nossas ações de viver atrás de muros, contratar guardas armados, blindar nossos veículos, instalar câmeras de segurança... ajudam a (re)produzir um senso de desordem que é perpetuado por nossas ações. Com essas ações criamos nossas *paissagens do medo* (Tuan, 2005). O medo se enraíza em nossos motivos e propósitos, se estabelece em nossas ações e satura nossas rotinas diárias (Bauman, 2008), necessitando de poucos estímulos externos para se manter vivo e em expansão, uma vez que as ações que o incitam diariamente, reafirmadas pelas nossas ações de proteção, justificam a sua energia. Mas o ciclo do medo e as ações por ele ditadas não prosseguiriam ininterruptamente nem ganhariam velocidade se não extraíssem sua energia dos *tremores existenciais*¹³, verdadeira fonte de nossos medos.

13 Os tremores existenciais se referem ao terreno sobre o qual repousam nossas perspectivas de vida. Segundo Bauman (2001), a lógica da vida moderna

Os tremores existenciais acompanham o ser humano na história, e nunca antes estivemos tão aptos a prever e enfrentar os golpes do destino¹⁴. Entretanto, atualmente, há um desacoplamento entre as ações inspiradas pelo medo e os tremores existenciais que geraram o medo. Acarretando que nenhum esforço nas áreas em que o medo foi desacoplado (desunido do que lhe deu origem ou do que faz parte) poderá neutralizar suas verdadeiras fontes. É devido a isso que a série viciosa do medo e das ações por ele inspiradas vão em frente sem perder vigor. A série em questão se apresenta no deslocamento, na atualidade, da esfera da segurança (ou seja, da autoconfiança e auto-segurança) para a da proteção (do abrigo e exposição às ameaças). A primeira esfera, quando foi despida, progressivamente, de seus mecanismos institucionais que eram apoiados e garantidos pelo Estado, tornou-se refém das incertezas do mercado e transformada em um parque de diversões das forças econômicas que operam no espaço dos fluxos que fica fora do alcance do poder político. Portanto, fora também da capacidade de suas vítimas de reagir de modo apropriado e, menos ainda, de revidar de maneira efetiva. As políticas de ordem coletivas, que eram endossadas contra as desgraças individuais, que receberam o nome no último século de *Estado de Bem estar social*, estão agora tão reduzidas que não podem

de: aversão inata a autolimitação; a transgressividade inata; e desrespeito a todas as fronteiras, culminada com a expectativa crescente que a modernidade gerou de que com o avanço das descobertas científicas, das inovações tecnológicas e habilidades necessárias, seria possível atingir a segurança total, criou uma perspectiva de vida em nós de que isso seria possível. Entretanto, quando descobrimos que a segurança total não pode ser atingida e isso se combina a convicção de que tal coisa poderia ser feita o dano é enorme. A modernidade criou uma perspectiva de vida que ela não pode cumprir.

14 A idéia de destino implica não tanto a natureza dos imprevistos da vida. Mas, na capacidade que temos de prevê-los. O destino sempre representou a ignorância e impotências humanas, frente aos aspectos imprevisíveis.

mais validar e sustentar a segurança, nem ao menos se prevenir contra as próximas cartadas das elites econômicas.

ASPECTOS PARA (RE)PENSARMOS A CIDADE, SUPERARMOS AS DIFERENÇAS E CRIARMOS POLÍTICAS PÚBLICAS MAIS EFICIENTES

O Estado parece ter se tornado um criado da economia de mercado. Não consegue mais exercer sua função de policiamento e proteção da ordem. As desregulamentações advindas das forças do econômicas e a submissão do Estado aos efeitos negativos da globalização (globalização do crime, dos negócios e do terrorismo, mas não das instituições políticas e jurídicas capazes de controlá-los), precisam ser pagas, e o são, por meio da ruptura e ruína social, da fragilidade dos vínculos humanos, transitoriedade das lealdades comunais e revogabilidade dos compromissos de solidariedade (Bauman 2008), dificultando, ou até mesmo minando, a ação do Estado Social. E com esse enfraquecimento das redes de proteção dos direitos sociais, tem-se uma insegurança no momento de elaborar planos futuros. Os mercados globais crescem sobre essas condições de insegurança, se beneficia do medo, uma vez que salopa o Estado, fazendo com que o indivíduo procure soluções individuais para os problemas que foram socialmente produzidos.

Essa conjuntura é fruto do que o filósofo Slavoj Žižek (2006) chama de *violência subjetiva*¹⁵, não porquê ela não tenha um objeto, nem ao menos ela é uma neurose individual, de fato ela é fruto das consequências negativas do capitalismo neoliberal, consequências tais como:

desemprego, exclusão social, anonimato e desamparo social. A violência é subjetiva na medida em que não encontramos culpados para esses problemas, ou se encontramos os responsáveis – as elites econômicas – não há meios (ou assim parece) de puni-los ou ao menos encontrar condições para que eles criem políticas sociais mais responsáveis para aqueles que dependem deles.

Essa progressiva desfiguração das defesas que o Estado mantinha contra os temores individuais alçou o indivíduo a uma situação de desproteção total. Os arranjos para defesa coletiva (sindicatos e auxílios coletivos) estão cada vez mais fracos, e o indivíduo tem que procurar e praticar sozinho as soluções que vier a encontrar. Contudo, as surpresas e desafios das escolhas individuais (sem base coletiva alguma, de proteção e segurança coletivas) propiciam um volume crescente de incertezas, repletas de armadilhas e obstáculos que devem ser superados individualmente, a liberdade de escolha parece desenfreada hoje em dia. Porém, a liberdade sem a segurança (de que se falharmos seremos socorridos por alguém) não é menos perturbadora e pavorosa do que a segurança sem liberdade. "Não seremos humanos sem segurança ou sem liberdade, mas não podemos ter as duas ao mesmo tempo e ambas na mesma medida"¹⁶. Isso não é razão para que deixemos de tentar" (Bauman, 2001, p. 18).

Enquanto não identificarmos as verdadeiras fontes de nossos medos existenciais, e continuarmos optando pela *proteção de nossos corpos e suas extensões*, em vez de enfrentarmos na raiz os medos que nos afligem, permaneceremos aflitos e assustados. Enquanto a tarefa for empreendida individualmente, os domínios dos tremores existenciais tenderão a ficar incontroláveis e mais difíceis ainda de serem suplantados.

Ainda, a idéia de progresso que antes se punha como a promessa de felicidade compartilhada por todos e que orientava as

15 Žižek, Slavoj, *Violência, relógio d'água*, 2006. Em *Violência*, o autor argumenta que a violência talvez possa ser definida com mais rigor pelos espectadores do que pelos criminosos ou as vítimas. Žižek enumera as variedades da violência, mostrando até que ponto ela se tornou inerente à linguagem, economia e religião.

16 Aqui se coloca, novamente, a dificuldade que nós modernos temos de encarar nossos limites.

perspectivas de vida (apostávamos nele como algo que melhoraria nossa condição existencial) agora representa, sobretudo, a ameaça de mudança implacável e inescapável de qualquer estilo de vida que se pretenda fixo, imutável, regular. Ameaçando apresentar exigências novas e desconhecidas, a qualquer instante, e invalidar as rotinas de enfrentamento (das anormalidades) aprendidas com dificuldade, o progresso, agora, evoca pensamentos horripilantes de ser deixado para trás. "A exclusão é afinal de contas, o dejetos do progresso" (Bauman, 2008). A concepção de progresso atualmente exemplifica de maneira pertinente, as consequências (colaterais) do que acima chamamos de violência subjetiva.

Outra razão para o medo está relacionada à crise do Estado e de suas políticas públicas. Como tentamos demonstrar rapidamente no processo de urbanização de Marília. Além do mais, o senso que as pessoas tinham de padrão social, que respondia a pergunta "O que devo fazer?" esta se desmantelando, os padrões irrevogavelmente registrados a partir de um lugar na hierarquia de poder (porque autoridade diz o que fazer), de gênero (porque você é uma mulher ou um homem), de tradição (porque devemos seguir o velho, ou, assim parece) etc, não respondem mais às perguntas nem apontam caminhos – nós fomos liberados de um sistema rígido de posições.

Exaltados com nossa incapacidade de desacelerar o ritmo das mudanças, menos ainda de prever sua duração, tentamos (voltamos nossa atenção para) calcular os riscos de sermos vítimas de alguma ameaça que é mais fácil de ser localizada (Giddens, 2000). Preocupamo-nos em nos segregar por meio do que aqui chamamos arquitetura do medo, perceber os possíveis sinais do câncer, da pressão alta, da diabetes, do enfarto, da gripe... enfim, procuramos por alvos substitutos e mais fáceis de serem identificados para descartar os nossos medos existenciais. O pior, essas atividades reafirmam e ajudam reproduzir o senso de desordem que nossas noções precipitam.

Cada olhar minucioso para encontrar algo errado com nosso corpo e nosso ambiente físico, faz o mundo parecer mais assustador e instiga mais ações defensivas que acrescentarão ainda mais vigor à capacidade do medo de se autopropagar.

Enquanto a preocupação com a proteção pessoal se sobrepuser à luta contra os tremores existenciais, não encontraremos soluções sólidas para nossas angústias. E ainda, a preocupação pessoal vai tornar-se (se já não se tornou) mais uma esfera a ser explorada pelos capitalistas e políticos. Esse movimento já é percebido pela produção extensiva de aparatos de segurança pessoal, pela constante guerra de audiência dos veículos de comunicação de massa com os programas policiais e sensacionalistas e pelos planos de governo que tentam buscar legitimidade e aprovação política declarando guerra ao crime e aos distúrbios de ordem pública. Cada vez mais, a produção de câmeras de segurança, cercas elétricas, radares de vigilância estão na lista de compra dos indivíduos. E os programas voltados a mostrar a violência e a desgraça humana adquirem espaços maiores nas grades de programação das Tvs, enquanto os políticos prometem acabar com os dejetos sociais (prostitutas, mendigos, imigrantes ilegais...).

O individualismo peculiar da modernidade líquida, a progressiva derrocada dos vínculos humanos e a desmantelamento da solidariedade mútua é uma das faces do medo que, via de regra, é a imagem da lógica econômica em sua forma atual, puramente negativa, predatória e parasítica (Bauman, 2001).

A sociedade não é mais protegida pelo Estado adequadamente. O Estado-Nação perdeu grande parte de seu poder e a maior parte de suas ações, atualmente, são relegadas a políticas individuais – um Estado de proteção pessoal. Contudo, o foco sobre o crime e os perigos que ameaçam nossas vidas e condições sociais está ligado ao sentimento de vulnerabilidade social, advindo (não de modo claro para nossos políticos) da desregulamentação econômica e da correspondente substituição da

solidariedade social pela autoconfiança individual. Os medos estão saturando a vida dos seres humanos na medida em que a desregulamentação do globo atinge suas conseqüências mais profundas, enquanto os baluartes defensivos da sociedade civil se desmantelam paulatinamente.

Esse contexto de falta de garantias (da posição social, das posses e até da sobrevivência); da incerteza (na continuação e estabilidade do futuro); e da insegurança (da realização do eu e de suas extensões, da vizinhança e da comunidade), do crime e o medo do crime, é o que buscamos perceber e entender no meio urbano de Marília/SP, por meio da análise das ações da população ao longo do processo de ocupação do espaço mariliense.

CONCLUSÃO

Quando iniciado esse trabalho procuramos entender um pouco esse movimento de urbanização e ocupação do espaço de Marília/SP. Analisar o aumento significativo dos medos urbanos como sintoma de um mal-estar social no século XXI, significou perceber algumas tendências de ação e pensamento a que estamos sujeitos.

Este trabalho é um inventário (incompleto e preliminar) de algumas formas que o medo e as construções das sociabilidades vem assumindo nos dias de hoje no ambiente citadino. É também uma tentativa de buscar as fontes comuns e os obstáculos no caminho de sua descoberta. Este trabalho é apenas um convite a se pensar em agir, e a agir de maneira ponderada sobre esse mundo em que vivemos. Seu propósito foi destacar a tarefa que se coloca a nossa frente, que de certo teremos de nos defrontar durante a maior parte de nossas vidas, a fim de que possamos entender um pouco melhor as origens de nossos medos, e de encontrar maneiras de colocá-los fora de ação ou torná-los menos nocivos, para nós e para as futuras gerações

Oportunamente, este trabalho nos ajudou a compreender como o projeto moderno, e os conseqüentes conhecimentos, escolhas e saberes a ele creditado, teve desdobramentos inesperados. E ainda, como nossas ações defensivas estão desviadas das verdadeiras gêneses de nossas ansiedades diárias. E enquanto isso não for compreendido (e esse foi nosso esforço) continuaremos a criar desvios em vez de enfrentar o que fatalmente nos espera no fim do caminho. E, quanto mais construímos desvios, mais longa e angustiante se torna nossa jornada.

Nosso objetivo foi, muito mais, apresentar a conjuntura de nossa cidade (conseqüentemente, também de tantas outras que a ela se assimilam) do que apresentar soluções definitivas. Visamos muito mais instigar o debate e propor aspectos para pensarmos o problema. No entanto, como fruto deste trabalho podemos notar algumas tendências que são relevantes para entendermos o amedrontamento dos indivíduos no meio urbano, e suas conseqüentes ações defensivas.

E foi analisando o processo de urbanização de Marília/SP que encontramos algumas das causas dos medos que nos atingem. Ao demonstrar de alguma maneira as suas manifestações pelos riscos constantes advindos do processo de modernização, a história nos aponta para os caminhos que resolvemos apostar, mas oportunamente, ela também salienta os outros meios possíveis que não foram selecionados.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Sérgio. LAMIN, Cristiane. *Medo, Violência e Insegurança*. São Paulo: Contento, 2006.

BAUMAN, Zygmunt. *O Mal-Estar da pós-modernidade*. Trad. Luís Carlos Fridman. Rio de Janeiro: Zahar, 1997

_____. *Modernidade Líquida*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: 1º ed. Zahar, 2001.

___ . *Comunidade: A busca por segurança no mundo atual*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2003

___ . *Vida Líquida*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2007

___ . *Medo Líquido*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro; Zahar, 2008a.

___ . *Vida para Consumo*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2008b.

___ . *Confiança e Medo na Cidade*. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro. Zahar. 2009.

BECK, Ulrich. GIDDENS, Anthony. LASH, Scott. *Modernização Reflexiva, Política, tradição e estética na ordem social moderna*. A vida em uma sociedade pós- tradicional. p. 73-173. Trad. Magda Lopes. São Paulo: 2º ed. Unesp, 1996.

BERMAN, Marshal. *Tudo que é sólido se desmancha no ar: A aventura da Modernidade*. Trad. Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Schwarc, 1986.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. *Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. Trad. Frank de Oliveira e Henrique Monteiro. São Paulo: Ed. 34/Edusp, 2000.

CARVALHO, Márcio Ricardo. *Percepção Espacial, Crime e Medo: entre o real e o imaginário. Um estudo sobre as evidências sócio-espaciais e as sociabilidades em Marília-SP*. Dissertação de Mestrado. Marília: UNESP, 2007

ELLIN, Nan. *Shelter From the Storm or Form Follows Fear and Vice Versa* p13-46, Architecture of Fear, New York: Princeton Architectural Press. 1997.

FÉLIX, Sueli Andruccioli. *A "geografia do crime" do crime urbano: aspectos teóricos e o caso de Marília*. (tese de doutorado) Orientador Odeibler Guidugli. Rio Claro: UNESP-IGCE, 1996. 319 p.

___ . *A Geografia do Crime: interdisciplinaridade e relevâncias*. Marília: UNESP, 2002.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 1977.

FREUD, Sigmund. *O Mal-Estar na Civilização*. Trad. Jayme Salomão. P. 81- 171. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

GIDDENS, Anthony. *The constitution of society: Outline of the theory of structuration*, s.l.:s.n. , 1984.

___ . *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: Trad. Raul Fiker. 1º ed. Unesp, 1991.

___ *A transformação da Intimidade*. Sexualidade amor e erotismo nas sociedades modernas. Trad. Magda Lopes. São Paulo: 1º ed. Unesp, 1992.

___ . *Mundo em descontrole*. O que a globalização está fazendo de nós. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. 6º ed. Record. 1999.

GOFFMAN, Erving. *Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Trad. Márcia Bandeira de Melo Leite Nunes. Rio de Janeiro: Zahar, 1975

JAMESON, Fredric. *A cultura do dinheiro*. São Paulo: Vozes, 2001.

___ . *Pós-Modernismo: a Lógica Cultural do Capitalismo Tardio*. São Paulo: Ática, 2002.

JACOBI, Pedro. Exclusão urbana e lutas pelo direito à moradia. In: Espaço & Debates, n.7, p. 53-69. s.l.:s.n.,1990

KHEL, Maria Rita. *Ensaio Sobre o Medo*. Elogio ao Medo s.l.: 2º ed. Sesi., 2007.

___ . *O tempo e o cão: A Atualidade das depressões*. São Paulo: Boitempo, 2009.

MARCUSE. Hebert. *Liberation From the affluent society*. A lecture in London. s.l.:s.n 1967.

___ . Tecnologia, Guerra e Fascismo. Algumas implicações sociais da tecnologia moderna. Trad. Douglas Kellner. São Paulo: Edunesp, 1999.

NOVAES, Adauto (org). *Ensaio sobre o medo*. Políticas do Medo. s.l.:2º ed. Sesi, 2007.

PERLMAN, Janice, *O Mito da Marginalidade*. Rio de Janeiro:Paz e Terra, 1977.

SANTOS, Milton. Por uma geografia nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica. São Paulo: Editora Hucitec/USP, 1978. 236 p.

___ . *A urbanização desigual: a especificidade do fenômeno urbano em países subdesenvolvidos*. 2 ed. Trad. A.D. Erdens. Petrópolis: Vozes, 1982

___ . *Metamorfoses do espaço habitado*. São Paulo: Hucitec, 1996.

___ . *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. São Paulo: Record, 2000.

TUAN, Yi Fu. *Paisagens do medo*. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: Edunesp, 2005.

___ . *Topofilia*. Trad. Livia de Oliveira. s.l.: Ed Unesp, 1980a.

___ . *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1980b.

___ . *Geografia Humanística*. In: CHRISTOFOLETTI, Antônio. *Perspectivas da Geografia*. São Paulo: DIFEL, 1982. p. 318.

___ . *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983. 250p.

VELHO, Gilberto. *Os Grupos e seus Limites*. IN: Revista da Usp, n 9. P. 23-29. s.l.:s.n., 1991.

WEBER, Max. *Metodologia das Ciências Sociais*. São Paulo: Cortez e Editora UNICAMP, 1992

___ . *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa; revisão técnica de Gabriel Cohn, 3ª edição, Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 1994.

___ . *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Martin Claret, 2003

WIERVORKA, Michel. O novo paradigma da violência: In: Tempo Social, V. 9(1), p. 5-41, s.l.:s.n., Maio 1997.

ZALUAR, Alba. ALVITO, Marques (org). *Um século de Favela*. S.i.: Fundação Getulio Vargas Editora, 1991.

ⁱ Mestrando pelo programa de pós-graduação da Universidade Estadual Paulista FFC-UNESP com projeto de pesquisa intitulado *Medo na cidade: vitimização, percepção e auto-segregação. Um Estudo sobre as evidências do medo e as sociabilidades em Marília/SP*. Membro do Grupo de Pesquisa e de Gestão Urbana de Trabalho Organizado – GUTO/Unesp e do Laboratório de Estudos da Violência e da Segurança – LEVS/Unesp.

ⁱⁱ Líder do GUTO - Grupo de Pesquisa e Gestão Urbana de Trabalho Organizado e coordenadora do Laboratório de Estudos da Violência e Segurança (LEVS-UNESP). Professora/Pesquisadora assistente Doutora da Universidade Estadual Paulista FFC-UNESP nos níveis de graduação e pós-graduação.